

O que venho procurando construir como artista parte do desejo de investigar relações entre arte e esfera pública. Isto pode acontecer por meio de um vídeo, de uma ação no espaço urbano ou de um texto publicado no jornal. Para tanto, tenho como referência artistas que consideram importante procurar conhecer o contexto com o qual estão trabalhando e, principalmente, com quem estão falando. Essas informações acabam sendo parte constitutiva de seus projetos, havendo sempre a tentativa de iniciar uma conversa. Podemos citar Robert Rauschenberg, Gordon Matta-Clark e Hélio Oiticica como alguns dos artistas que ao longo das últimas décadas apresentaram tais preocupações.

Será que projetos artísticos podem constituir uma esfera pública? Acredito que sim e no momento não penso nos que realizam comentários sobre o que é público ou procuram representar o que seria a ideia de público, mas nos que através dos seus processos permitam formas de envolvimento e discussão possibilitando construir novas esferas públicas. Compreendo que este tipo de atuação pode ser localizada como parte de uma genealogia que passa pelo que se costumou chamar de arte pública. No entanto, esta relação não acontece através de um processo contínuo, mas sim em oposição ao que existia antes.

O que podemos considerar como arte pública? Obras de arte alocadas em espaços da cidade? E se pensarmos que muitas destas são compradas e mantidas por empresas privadas, tal fato se desclassificaria automaticamente como públicas? Obras no acervo de museus públicos não seriam obras de arte públicas? Aqui é importante pensar que existem diferentes concepções do termo. Podemos considerar público algo pertencente ao Estado. Ou podemos dizer que público é determinada audiência numa sala de teatro. Outra abordagem é a ideia de opinião pública, que pretende representar o que pensa uma maioria.

Atribui-se que o termo arte pública foi criado para denominar projetos que alocavam esculturas em praças no início da década de 60 nos Estados Unidos. Estas eram financiadas por programas de melhorias urbanas e não procuravam estabelecer nenhuma relação com o lugar em que estavam instaladas. Podemos dizer que, desta forma, tais esculturas assumiam uma condição diretamente ligada à tradição do monumento, e que por sua vez está vinculado a uma estrutura de valores hegemônicos. A noção de esfera pública contida nesses projetos é caracterizada como uma instância única que permite um suposto acesso igualitário por parte de todas as pessoas.

As práticas artísticas que podemos contrapor a este tipo de abordagem consideram diferentes noções de público, diferentes públicos e refletem sobre as especificidades de cada lugar. Podemos dizer que elas dão conta de uma concepção de esfera pública que consiste numa série de formações fragmentadas e que muitas vezes não se comunicam. Portanto, talvez não faça mais sentido criar monumentos ou

PARA QUEM É ESTE TEXTO?

ARTIGO

PENSAR A OBRA DE ARTE PARA A ESFERA PÚBLICA APONTA PARA A REFLEXÃO SOBRE AS ESPECIFICIDADES DE CADA LUGAR E PARA A CONSIDERAÇÃO DE DIFERENTES PÚBLICOS, QUE MUITAS VEZES NÃO SE COMUNICAM, SEGUNDO O ARTISTA E PESQUISADOR VITOR CESAR

VITOR CESAR >>> ESPECIAL PARA O POVO

esculturas em praças que não procurem dialogar com uma dessas esferas públicas.

Um exemplo de práticas como essa é *Inserções em circuitos ideológicos: projeto cédula* (1970), de Cildo Meireles. Nele o artista carimbou em cédulas frases como "Quem matou Herzog?" e devolveu para a circulação. Com esta ação, criou situações que se infiltravam no cotidiano das pessoas podendo influenciar no comportamento político-social das mesmas. Além disso, ele preparava para o espaço expositivo instruções para que outros pudessem repetir o processo.

Compreendo que o termo arte pública já não dá mais conta de trabalhos como este de Cildo. Talvez seja o caso de se pensar novos termos, tarefa que alguns críticos já se ocuparam: "Arte no Interesse Público" e "Novo gênero de arte pública" são exemplos criados por Arlene Raven e Suzanne Lacy respectivamente. Por outro lado, a criação de um nome pode gerar uma nova categoria e reduzir as interpretações desses projetos. Por enquanto prefiro pensar nessas práticas sem um lugar definido. O que interessa é pensar nas relações que elas estabelecem com diferentes esferas públicas.

> Vitor Cesar é artista, integrante do grupo Transição Listrada e mestrando em Poéticas Visuais na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP).



Para quem é este texto?

O que venho procurando construir como artista parte do desejo de investigar relações entre arte e esfera pública. Isto pode acontecer por meio de um vídeo, de uma ação no espaço urbano ou de um texto publicado no jornal. Para tanto, tenho como referência artistas que consideram importante procurar conhecer o contexto com o qual estão trabalhando e, principalmente, com quem estão falando. Essas informações acabam sendo parte constitutiva de seus projetos, havendo sempre a tentativa de iniciar uma conversa. Podemos citar Robert Smithson, Gordon Matta-Clark e Helio Oiticica como alguns dos artistas que ao longo das últimas décadas apresentaram tais preocupações.

Será que projetos artísticos podem constituir uma esfera pública? Acredito que sim e no momento não penso nos que realizam comentários sobre o que é público ou procuram representar o que seria a idéia de público, mas nos que através dos seus processos permitam formas de envolvimento e discussão possibilitando construir novas esferas públicas. Compreendo que este tipo de atuação pode ser localizada como parte de uma genealogia que passa pelo que se costumou chamar de arte pública. No entanto, esta relação não acontece através de um processo contínuo, mas sim em oposição ao que existia antes.

O que podemos considerar como arte pública? Obras de arte alocadas em espaços da cidade? E se pensarmos que muitas destas são compradas e mantidas por empresas privadas, tal fato as desclassificaria automaticamente como públicas? Obras no acervo de museus públicos não seriam obras de arte públicas? Aqui é importante pensar que existem diferentes concepções do termo. Podemos considerar público algo pertencente ao Estado. Ou podemos dizer que público é determinada audiência numa sala de teatro. Outra abordagem é a idéia de opinião pública, que pretende representar o que pensa uma maioria.

Atribui-se que o termo arte pública foi criado para denominar projetos que alocavam esculturas em praças no início da década de 60 nos Estados Unidos. Estas eram financiadas por programas de melhorias urbanas e não procuravam estabelecer nenhuma relação com o lugar em que estavam instaladas. Podemos dizer que, desta forma, tais esculturas assumiam uma condição diretamente ligada à tradição do monumento, e que por sua vez está vinculado a uma estrutura de valores hegemônicos. A noção

de esfera pública contida nesses projetos é caracterizada como uma instância única que permite um suposto acesso igualitário por parte de todas as pessoas.

As práticas artísticas que podemos contrapor a este tipo de abordagem consideram diferentes noções de público, diferentes públicos e refletem sobre as especificidades de cada lugar. Podemos dizer que elas dão conta de uma concepção de esfera pública que consiste numa série de formações fragmentadas e que muitas vezes não se comunicam. Portanto, talvez não faça mais sentido criar monumentos ou esculturas em praças que não procurem dialogar com uma dessas esferas públicas.

Um exemplo de práticas como essa é *Inserções em circuitos ideológicos: projeto cédula* (1970), de Cildo Meireles. Nele o artista carimbou em cédulas frases como *Quem matou Herzog?* e devolveu para a circulação. Com esta ação, criou situações que se infiltravam no cotidiano das pessoas podendo influenciar no comportamento político-social das mesmas. Além disso, ele preparava para o espaço expositivo instruções para que outros pudessem repetir o processo.

Compreendo que o termo arte pública já não dá mais conta de trabalhos como este de Cildo. Talvez seja o caso de se pensar novos termos, tarefa que alguns críticos já se ocuparam: *Arte no interesse público* e *Novo gênero de arte pública* são exemplo criados por *Arlene Raven* e *Suzanne Lacy* respectivamente. Por outro lado, a criação de um nome pode gerar uma nova categoria e reduzir as interpretações desses projetos. Por enquanto prefiro pensar nessas práticas sem um lugar definido. O que interessa é pensar nas relações que elas estabelecem com diferentes esferas públicas.

Dezembro de 2007

Vitor Cesar

Artista e Mestrando em Poéticas Visuais na ECA/USP.